

Prefácio

Christina de Rezende Rubim

Como citar: RUBIM, Christina de Rezende. Prefácio. *In:* CHACON, Miguel Claudio Moriel; MARIN, Maria José Sanches (org.). **Educação e saúde de grupos especiais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.7-9.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-253-6.p7-9>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

PREFÁCIO

A polarização entre ciências humanas e ciências naturais, seus métodos e metodologias, a busca por leis universais, a objetividade e a subjetividade são questões que têm marcado a minha trajetória intelectual. A antropologia, muito mais do que uma escolha ao acaso, é uma perspectiva filosófica significativa e diz muito acerca do caminho escolhido.

Não sou uma antropóloga “padrão”, se é que podemos dizer que essa categoria exista. Não pesquiso negros, índios, ou os excluídos da cidade. As preocupações que me orientam dizem respeito à ciência como referência de verdade última em nossa sociedade. A antropologia é um referencial disciplinar sugestivo nessa busca. Mais do que a história da ciência, que *tout court* se preocupa com a continuidade ou ruptura desse tipo de conhecimento, ou a filosofia da ciência que se volta enfaticamente para o seu ser ou não ser, a disciplina tem uma inserção nas ciências no geral, e nas humanidades em particular, que faz a diferença em relação à história e/ou a filosofia. A busca da singularidade – chamada alteridade pelos antropólogos – a partir de uma perspectiva comparativa é o que vem caracterizando a antropologia durante a sua história como um conhecimento relativamente recente, que data de cerca de cem anos na academia. Uma comparação, contemporaneamente, não para hierarquizar, mas para compreender singularidades históricas e, assim, ser capaz de construir diálogos.

Trabalhando com a teoria-e-história da antropologia e o seu ser enquanto ciência e/ou disciplina em uma instituição espalhada

geograficamente pelo estado de São Paulo como a Unesp, por vezes é difícil construir alianças com outros profissionais e campos do conhecimento.

A interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade são, algumas vezes, conceitos não problematizados e tidos como óbvios no mundo global contemporâneo, abundante de pluralidades que nos escapam teoricamente, mas nos encantam no seu cotidiano. São tantas dimensões, uma infinidade de informações, que quase sempre nos sentimos incapazes de contemplar essa riqueza do viver em nossos produtos acadêmicos. Esquecemos, quase sempre, que é a convivência entre os seres humanos que nos tornam originais e criativos.

Saúde e educação são uma dessas dimensões da realidade que nos fazem refletir criativamente sobre a pluralidade do mundo e, portanto, do conhecimento acadêmico e da necessária existência de construir diálogos e “olhar” a realidade como um todo, fazendo uma ponte entre disciplinas.

Convidada a participar do Grupo de Pesquisa “Educação e Saúde de Grupos Especiais” que envolve um esforço dos coletivos de professores e alunos da Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, campus de Marília e da saúde da Faculdade de Medicina e Enfermagem de Marília (FAMEMA), fiquei responsável pelos seminários de metodologia, métodos e técnicas de pesquisa. Resolvi apresentar esta problemática a partir de um contexto histórico e epistemológico da construção do conhecimento em nossa tradição ocidental, no lugar de me ater somente as apresentações das técnicas de pesquisa. Percebi que estas últimas eram de domínio do grupo, mas que quase todos – como nossos alunos das ciências sociais – se debatiam com os pressupostos filosóficos da pesquisa. Esses encontros tiveram uma boa aceitação por parte dos colegas, proporcionando-me o diálogo interdisciplinar necessário que tanto procurava em minha instituição.

Os autores dos textos, entre eles, psicólogos, enfermeiros, pedagogos, médicos e antropólogos trabalham no sentido de romper as barreiras institucionais e dos diferentes campos do saber, construindo um conhecimento transversal onde todos ganham.

Os textos discorrem sobre as brincadeiras de crianças hospitalizadas, as infecções frutos desses contatos, a formação do professor

da área de saúde e da educação especial, o aprendizado formal fora da escola, a morte, o autismo, a inclusão e, enfim, a humanização da saúde e da educação para a vida. Aspectos que são corriqueiros para os profissionais que cotidianamente trabalham nesses espaços, mas que requerem atenção e novas perspectivas.

Diferentemente das *hard science*, as pesquisas sobre saúde, pelo menos nesse caso, estão mais próximas das humanidades do que parecem. É do mundo dos homens que estamos tratando. Não somente de seu corpo físico, mas daquilo que faz a diferença entre esses e os animais: a subjetividade histórica.

Ou seja, ao contrário da tendência contemporânea que compartimentaliza nas instituições de ensino superior os diferentes campos do conhecimento, e dos discursos acadêmicos que enaltecem a interdisciplinaridade, estamos tentando construir um diálogo plural que privilegia o saber local. As preocupações nesses encontros centram-se naquilo que denominamos conhecimento científico, mas numa perspectiva do encontro entre a educação, a saúde e a antropologia, compreendendo-o como um diálogo singular construído em um determinado momento da cultura ocidental. Cultura esta que tem como peculiaridade, a expansão e a individualização exacerbada como pano de fundo, e, portanto, a segmentação do saber. A ciência, como “saber local” é a expressão desse modo de vida e o que queremos transformar.

Enfim, nos entendemos e estamos construindo uma pessoal e profissional interessante e promissora, tanto para a antropologia, quanto para a educação e a saúde.

Christina de Rezende Rubim
Outono de 2012